

#195

Os superpoderes do PARTIS As Flores do Imperador Noite de estreias no Grande Auditório

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN



fevereiro

Neste número



PANEJAMENTO DE VELUDO, ÍNDIA, SÉCULO XVII © MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN – COLEÇÃO MODERNA. FOTO: CATARINA GOMES FERREIRA

4

As Flores do Imperador

Os desenhos florais que ornamentam dois tapetes do Museu Calouste Gulbenkian, produzidos na Índia Mogol, sugerem diversos diálogos entre Oriente e Ocidente ao longo do século XVII. Eles são também o pretexto para uma viagem que faz reviver o fascínio que os bolbos e as flores exóticas suscitaram no Ocidente, na primeira exposição do ano na Coleção do Fundador.

6

Fernando Pessoa no Museu Reina Sofia

A partir de Fernando Pessoa, o poeta múltiplo nos seus heterónimos, o Museu Reina Sofia apresenta uma exposição que parte dos princípios estéticos de Pessoa para revelar o período artístico da modernidade em Portugal, no século XX. A exposição é uma coprodução com a Fundação Calouste Gulbenkian, que empresta cerca de 60 das 160 obras apresentadas, entre as quais quadros de Amadeo de Souza-Cardoso e Almada Negreiros.



LUÍZ FILÍP, SOLISTA DO CONCERTO *BECOME OCEAN* © D. R.

10

Noite de estreias

Uma obra em estreia mundial e duas em estreia nacional é o que promete o concerto *Become Ocean*, marcado para o dia 23, no Grande Auditório. A Orquestra Gulbenkian, dirigida por Pedro Neves, interpretará as obras dos compositores Luís Antunes Pena, Celso Loureiro Chaves e John Luther Adams. De George W. Bush aos oceanos há um universo imenso de inspiração nestas obras inéditas.



AMADEO DE SOUZA CARDOSO, *OS GALGOS*, 1911 © MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN – COLEÇÃO MODERNA

Índice



© MÁRCIA LESSA

14

O superpoder do movimento

Na Academia da Estrela, em Lisboa, mais de 40 crianças ensaiam para o espetáculo de **dia 20** no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian. Nesta apresentação multidisciplinar, as crianças são as estrelas principais e as suas fragilidades são transformadas em superpoderes. Elas são parte do projeto Geração SOMA, que trabalha com crianças, algumas com necessidades educativas especiais.

23

Democracia europeia em debate

Frans Timmermans, vice-presidente da Comissão Europeia, **Sylvie Goulard**, ex-ministra da Defesa de França e **Enrico Letta**, presidente do Instituto Jacques Delors, estarão em Lisboa no **dia 5 de março**, na Fundação Gulbenkian, para o debate sobre formas de fortalecimento da democracia na Europa.



FRANS TIMMERMANS © D.R.

Arte

- 4** As Flores do Imperador
- 6** Fernando Pessoa no Museu Reina Sofia
- 8** Almada Negreiros. Desenho em Movimento

Música

- 10** A noite das estreias
- 13** Orquestra Gulbenkian na Philharmonie Paris

Notícias

- 14** O superpoder do movimento
- 18** Noite das Ideias
- 20** Primeiro monumento nacional com painéis solares
- 22** 101 Dúvidas de português esclarecidas na Guiné Bissau
- 23** Democracia europeia em debate
- 24** Amor em tempo de festa
- 25** A misteriosa origem dos elefantes do Bornéu

Ambientes

- 30** Pianomania!

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#195 — FEVEREIRO 2018 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA — THE DESIGNERS REPUBLIC — IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO — DDLX / REVISÃO DE TEXTO — RITA VEIGA / CAPA — PROJETO GERAÇÃO SOMA: ESPETÁCULO EU MAIOR NO TEATRO SÃO LUIZ © JOÃO PEDRO RODRIGUES / IMPRESSÃO — GRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM — 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / GULBENKIAN_PT

As Flores do Imperador

A primeira exposição do ano do Museu Calouste Gulbenkian centra-se nos motivos decorativos de dois magníficos tapetes da Coleção do Fundador, produzidos na Índia mogol, provavelmente no reinado do Xá Jahan (1627-1658).

Os desenhos florais que ornamentam estes exemplares sugerem os diálogos estabelecidos entre o Oriente e o Ocidente ao longo do século XVII e são o pretexto para uma viagem que faz reviver o fascínio que os bolbos e as flores exóticas suscitaram no Ocidente.

Esse fascínio levou ao estudo e à descrição destas plantas, à publicação de compêndios botânicos ilustrados e ao surgimento na Europa de jardins com coleções de flores orientais, árvores exóticas e outras plantas raras, que conferiam prestígio e distinção aos seus proprietários. De todo o lado acorriam visitantes para admirar as acácias do Egito, os pimentos das Índias, girassóis, iúcas, aloés, túlipas e fritilárias, entre muitas outras espécies.

Para perpetuar estas coleções foram sendo publicados volumes de grande beleza, ricamente ilustrados por artistas de renome. Organizados por botânicos, tipógrafos, jardineiros ou floristas, estes volumes alcançaram um público cada vez mais diversificado e curioso. Levados por embaixadores, missionários e mercadores europeus nas suas missões diplomáticas, religiosas e comerciais, alguns destes volumes terão chegado à longínqua corte Mogol, onde muitas das flores neles representadas eram, desde há muito, conhecidas e admiradas. Estudos recentes sugerem que as representações de plantas inseridas nestes volumes terão inspirado desenhos realizados por alguns artistas locais, criando assim, no Oriente, elementos de uma nova gramática decorativa, de que estes tapetes são um exemplo.

Os tapetes da Índia na Coleção Gulbenkian

A coleção de tapetes do Museu Calouste Gulbenkian é constituída por oitenta e cinco exemplares, oriundos sobretudo da Pérsia, da Índia e do Cáucaso, adquiridos maioritariamente entre 1907 e 1939. A coleção possui seis tapetes indianos da época Mogol, de extrema qualidade técnica e artística, todos eles produzidos em manufaturas reais e urbanas, demonstrando a mestria e a sofisticação alcançadas pelos tapeceiros da época.

AS FLORES DO IMPERADOR Do Bolbo ao Tapete

Curadoria: Clara Serra
e Teresa Nobre de Carvalho

Coleção do Fundador e Galeria do Piso Inferior

9 fev – 21 mai 2018



IRIS E BORBOLETA, GUACHE E OURO SOBRE PAPEL. LONDRES, THE BRITISH LIBRARY © THE BRITISH LIBRARY BOARD

Fernando Pessoa no Museu Reina Sofía

A exposição Pessoa. Toda a Arte É uma Forma de Literatura abre ao público a 7 de fevereiro, no Museu Reina Sofía, em Madrid. Em coprodução com a Fundação Gulbenkian, esta mostra abordará o período artístico da modernidade portuguesa a partir dos princípios estéticos de Fernando Pessoa.



SONIA DELAUNAY, CHANTEURS FLAMENCO (DIT GRAND FLAMENCO), 1915-1916
© MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN — COLEÇÃO MODERNA

“Toda a arte é uma forma de literatura, porque toda a arte é dizer qualquer coisa”, assinava Álvaro de Campos em 1936 na revista *Presença*, uma das mais influentes revistas literárias portuguesas do século XX. Daqui parte o título da mostra que reúne cerca de 160 obras de artistas como Almada Negreiros, Amadeo de Souza-Cardoso, Adriano de Sousa Lopes, Mário Eloy, Julio (Saúl Dias), Sonia Delaunay, entre outros, numa abordagem das principais correntes estéticas portuguesas do século XX. Com a curadoria de João Fernandes, subdiretor do Museu Reina Sofía, e da historiadora de arte Ana Ara, a exposição (coprodução entre as instituições espanhola e portuguesa) conta com 56 obras do Museu Calouste Gulbenkian.

Com Fernando Pessoa a ocupar a figura central da exposição, na qualidade de “motor intelectual” deste período, procura-se assim traçar uma ideia de vanguarda em Portugal. Intérprete excepcional da crise da identidade moderna e das suas (in)certezas, o poeta sempre se sentiu múltiplo, transferindo para o trabalho uma desorientação existencial incurável. Os seus inúmeros heterónimos incorporaram o que Pessoa identificou como a doença extrema do seu tempo: a busca da identidade na alteridade.

Partindo de três núcleos estéticos desenvolvidos pelo escritor — “Paulismo”, “Interseccionismo” e “Sensacionismo” —, a exposição junta textos e obras de pintura, desenho, gravura e fotografia. Será também dada



JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS, *RETRATO DE FERNANDO PESSOA*, 1964 © MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN — COLEÇÃO MODERNA

especial atenção às publicações desse período, como a pioneira *Orpheu*, *A Águia*, *K4 Quadrado Azul*, *Portugal Futurista* ou *Presença*, nas quais foram publicados textos de Pessoa e que tiveram grande influência estética e ideológica sobre os artistas e intelectuais portugueses na primeira metade do século xx. Uma parte da exposição será ainda dedicada às artes cênicas, incorporando elementos relevantes das produções de teatro e dança mais interessantes da época, como alguns trabalhos de Almada Negreiros.

As obras selecionadas refletem a inevitável influência das tendências predominantes na Europa, não esquecendo a especificidade da arte popular e portuguesa, presente no trabalho de artistas portugueses que viajaram para Paris – caso de Amadeo de Souza-Cardoso – e no de estrangeiros que passaram por Portugal – como Sonia e Robert Delaunay. A última parte da exposição introduz o período relativo à “segunda modernidade portuguesa”, onde se destacam autores como Mário Eloy, Julio e Sarah Affonso.

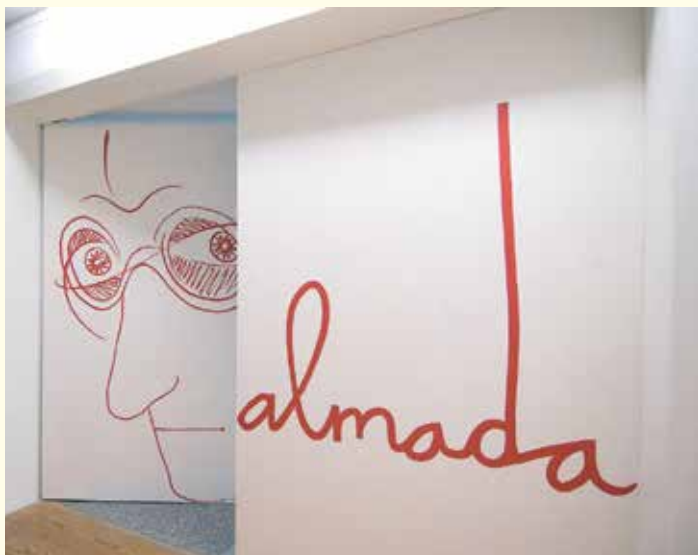
A exposição abre ao público a 7 de fevereiro e encerra a 7 de maio. A Embaixada de Portugal em Espanha, em parceria com o AICEP e o Turismo de Portugal, irá ainda organizar atividades paralelas, como mesas-redondas e um ciclo de cinema.

Almada Negreiros Desenho em Movimento

Até dia 18 de março prossegue, no Museu Nacional de Soares dos Reis, no Porto, a exposição José de Almada Negreiros. Desenho em Movimento, que resulta de uma colaboração daquele museu com a Fundação Calouste Gulbenkian.

Apresentando algumas obras inéditas como os seis vidros originais que Almada coloriu à mão para a série "Lanterna Mágica", recentemente descobertos, um retrato inédito e ainda um conjunto de textos do artista relacionados com cinema, a mostra foca-se no carácter gráfico e cinematográfico da linguagem artística da modernidade de Almada Negreiros.

Esta exposição, que surge na sequência da mostra *José de Almada Negreiros. Uma Maneira de ser Moderno*, exibida na sede da Fundação Gulbenkian no ano passado, com a assinatura curatorial de Mariana Pinto dos Santos, marca o início de um projeto de itinerância das obras de arte do Museu Calouste Gulbenkian para vários espaços museológicos nacionais, que se intensificará a partir do próximo ano.



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © MÁRCIA LESSA

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS. DESENHO EM MOVIMENTO

Curadoria: Mariana Pinto dos Santos

Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto

Terça a domingo, 10h–18h

Até 18 de março



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © MÁRCIA LESSA

A noite das estreias

Três obras contemporâneas inéditas vão ser apresentadas no Grande Auditório, no dia 23, num concerto intitulado *Become Ocean*. Serão estreadas obras de Luís Antunes Pena, Celso Loureiro Chaves e John Luther Adams.



LUÍS ANTUNES PENA © D.R.

“Esta obra inspira-se na famosa declaração proferida por George W. Bush, em março de 2003, na qual acusa o Iraque de possuir armas de destruição massiva.”

Luís Antunes Pena

Num mês em que sobem ao palco do Grande Auditório artistas como o baritono Thomas Hampson, os pianistas Evgeny Kissin e Katia e Marielle Labèque, o maestro Lorenzo Viotti e ainda orquestras como a Royal Concertgebouw de Amesterdão, a Gulbenkian Música apresenta um concerto singular de música contemporânea em que serão tocadas três peças: uma em estreia mundial e as outras duas em estreia nacional.

Inspirado por George W. Bush

A primeira obra a ser tocada, *Off-balance*, resulta de uma encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian a Luís Antunes Pena (n. 1973), compositor português a viver na Alemanha há mais de uma década.

Composta para dois percussionistas e orquestra, esta obra inspira-se na famosa declaração proferida por George W. Bush, em março de 2003, na qual acusa o Iraque de possuir armas de destruição massiva. “Este texto tem uma influência direta na composição da obra” explica o compositor. “Por exemplo, a percussão que na primeira secção tem uma instrumentação tradicional com vibrafone de um lado e tímpanos de outro, passa para uma secção em que os instrumentos de percussão são usados como corpos ressonantes, sendo simultaneamente amplificadores e filtros de sons e palavras do texto de G. W. Bush”.

A peça evoca também o “imaginário infantil e os jogos de computador através de pequenos robôs e brinquedos mecânicos” que são, no fundo, “os *drones* modernos com que hoje é feita a guerra”.

Quanto ao título — *Off-balance* —, o compositor diz tratar-se de uma palavra usada na dança para designar o ponto em que o corpo se desequilibra e perde o controlo sobre si próprio. “No início da obra procurei exprimir esta mudança a partir de um ritmo simples que se transforma de forma muito subtil, quase impercetível, antes de se perceber como algo completamente diferente”. No entanto, adianta, se “os primeiros minutos são compostos seguindo este princípio, mais tarde o título toma uma dimensão política e *Off-Balance* torna-se numa espécie de equilíbrio a que a democracia está sujeita”.



CELSO LOUREIRO CHAVES © MACIEL GOELZER

“A intenção da peça (Museu das Coisas Inúteis) é criar um espaço para a reflexão, no qual a música apareça como um dos tesouros nas nossas coletividades”.

Celso Loureiro Chaves

A música como um tesouro

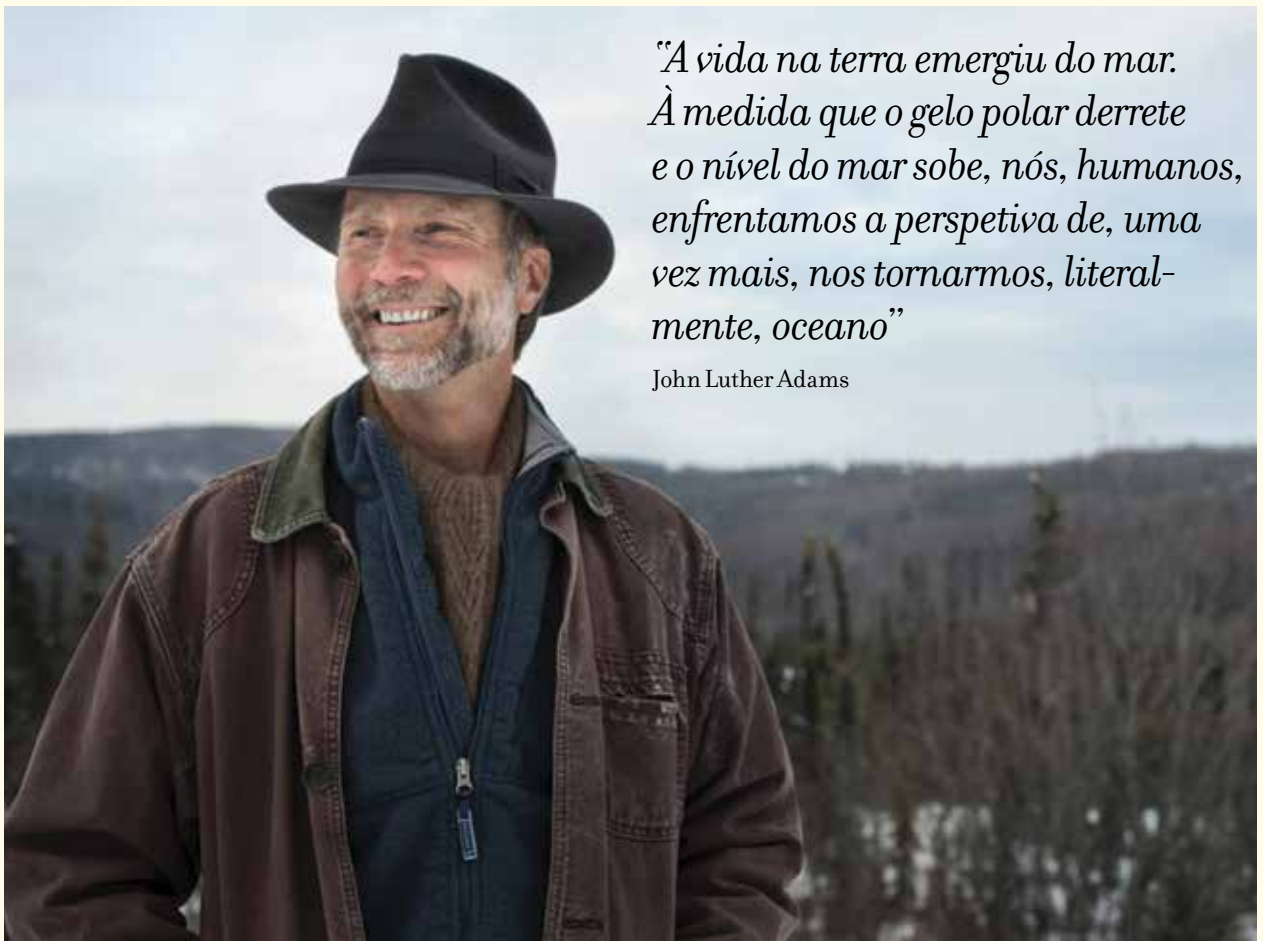
A segunda estreia da noite dará a ouvir, pela primeira vez em Portugal, a obra *Museu das Coisas Inúteis*, do compositor brasileiro Celso Loureiro Chaves (n. 1950), que dá continuidade a uma parceria iniciada em 2015 entre a Fundação Calouste Gulbenkian e a Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo (SP-LX).

Descrita pelo compositor como “meditativa”, a obra é composta por cinco movimentos “que podem ser entendidos como peças autónomas”, mas “estão ligadas umas às outras por solos de clarinete que são como portas entre as salas de um museu”.

O compositor destaca o facto de a obra ser construída por “diálogos que o violino solista estabelece com os diferentes grupos instrumentais, como se os estivesse a visitar. “É sempre o violino que convida os grupos da orquestra a soar e meditar. Nessas meditações, quatro cidades são homenageadas: Lisboa, Porto Alegre, Manaus e Montevidéu.”

O título da obra inspira-se no ensaio *A utilidade do inútil*, de Nuccio Ordine, no qual o filósofo italiano desenvolve o conceito da utilidade das coisas e dos saberes, desvinculados da ideia de lucro, defendendo que “um museu é um tesouro que a coletividade deve preservar ciosamente, a todo custo”. Nesta linha, Celso Loureiro Chaves assume a intenção de “criar um espaço para a reflexão, no qual a música apareça como um dos tesouros nas nossas coletividades”.

No âmbito desta parceria entre a Fundação Gulbenkian e a Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo, na qual se prevê a encomenda de obras a compositores portugueses e brasileiros, com estreias alternadas nas duas cidades, foram já apresentadas obras de Aylton Escobar (*Rua do Douradores*) e de Luís Tinoco (*O Sotaque Azul das Águas*). Nesta temporada, para além da peça *Museu das Coisas Inúteis*, será apresentado também, em estreia absoluta, o Concerto para piano de Vasco Mendonça (15 junho).



“A vida na terra emergiu do mar. À medida que o gelo polar derrete e o nível do mar sobe, nós, humanos, enfrentamos a perspectiva de, uma vez mais, nos tornarmos, literalmente, oceano”

John Luther Adams

JOHN LUTHER ADAMS © D.R.

Um oceano musical

O concerto termina com a estreia nacional da obra *Become Ocean*, do norte-americano John Luther Adams (n. 1953), que valeu ao compositor o Pulitzer Prize for Music em 2014 e que a revista *New Yorker* descreveu como “o mais belo apocalipse da História da Música”. Com apenas um andamento, a obra foi buscar o título a uma frase do compositor John Cage que Adams explica deste modo: “A vida na terra emergiu do mar. À medida que o gelo polar derrete e o nível do mar sobe, nós, humanos, enfrentamos a perspectiva de, uma vez mais, nos tornarmos, literalmente, oceano.”

Este “triplo concerto” de estreias será interpretado pela Orquestra Gulbenkian dirigida pelo maestro Pedro Neves, com a colaboração do violinista brasileiro Luíz Filíp, membro da Orquestra Filarmónica de Berlim, e dos percussionistas Rui Sul Gomes e Nuno Aroso.

No dia 23, às 20h, uma hora antes do concerto, na zona de congressos, Sérgio Azevedo falará sobre a obra de John Luther Adams e de Luíz Antunes Pena numa sessão aberta a todos os interessados.

Orquestra Gulbenkian na Philharmonie de Paris



A Orquestra Gulbenkian vai tocar na imponente sala de concertos da Philharmonie de Paris no dia 5 deste mês, com o mesmo programa apresentado uns dias antes no Grande Auditório, composto por *Um Requiem Alemão* de Johannes Brahms e excertos das *Canções Bíblicas* de Dvorák.

O barítono norte-americano Thomas Hampson e a soprano sueca Miah Persson marcam também presença neste concerto depois de terem atuado em Lisboa no âmbito da temporada da Gulbenkian Música. Em Paris, o Coro Accentus toma o lugar do Coro Gulbenkian, mantendo-se a direção a cargo da maestrina francesa Laurence Equilbey.

Fundadora e diretora musical da Orquestra Insula e também do Coro Accentus, Laurence Equilbey, tem-se evidenciado na direção do repertório clássico e pré-romântico com instrumentos de época, com destaque para peças corais. Em abril de 2017, inaugurou com a Orquestra Insula a nova sala francesa La Seine Musicale, permanecendo aí, desde então, em residência artística.

Visita regular da Gulbenkian Música há várias décadas, Thomas Hampson realizou dois concertos na temporada passada, o primeiro com a Orquestra Gulbenkian, no qual interpretou canções de Gustav Mahler e o segundo na companhia de Luca Pisaroni com um programa de duetos de ópera, opereta e teatro musical. Hampson apresenta agora *Um Requiem Alemão*, uma das obras maiores do repertório coral-sinfónico, que já gravou com a Orquestra Filarmónica de Viena. Escrita após a morte da mãe, Johannes Brahms conferiu uma dimensão humana à obra ao evitar, na seleção dos textos, qualquer alusão explícita à figura de Cristo.

A próxima digressão levará a Orquestra Gulbenkian ao Palau de la Musica Catalana em Barcelona, no dia 6 de abril, com um programa de árias de óperas de Wagner, Verdi, Puccini, Rossini e Donizetti, entre outros, dirigido por Gareth Jones e interpretado pelo baixo-barítono Bryn Terfel. O mesmo concerto será apresentado em Lisboa dia 4 de abril no âmbito da presente temporada.

O superpoder do movimento

No dia 20 de fevereiro, apresenta-se no Grande Auditório um espetáculo multidisciplinar onde as crianças são as estrelas principais e as fragilidades se transformam em superpoderes. É o projeto Geração SOMA, que trabalha com crianças, algumas com necessidades educativas especiais.

Na Academia da Estrela, mais de 40 crianças ensaiam para o grande dia na Fundação Gulbenkian. Sob as orientações de Ana Rita Barata, coreógrafa e diretora artística da Vo'Arte, e dos bailarinos Bruno Rodrigues, Cecília Hudec, Joana Gomes e Mara Pacheco, da CiM – Companhia de Dança, por entre risos, brincadeiras e cumplicidades, as coreografias ganham forma. É um dos primeiros ensaios depois do espetáculo *EU MAIOR*, estreado em junho de 2017 no Teatro São Luiz, que resultou do trabalho desenvolvido com cerca de 1200 crianças (17 turmas) do Agrupamento de Escolas Padre Bartolomeu de Gusmão e do Agrupamento de Escolas Vergílio Ferreira, entre 2016 e 2017, no âmbito do Geração SOMA. Este é um dos 16 projetos apoiados na segunda edição do PARTIS – Práticas Artísticas para a Inclusão Social, criado pela Fundação Calouste Gulbenkian em 2013.



DURANTE OS ENSAIOS PARA O ESPETÁCULO, A COOPERAÇÃO E O TRABALHO EM EQUIPA SÃO FUNDAMENTAIS © MÁRCIA LESSA



A VISÃO É UM DOS SUPERPODERES DAS CRIANÇAS DO GERAÇÃO SOMA © MÁRCIA LESSA



OS SORRISOS E A BOA DISPOSIÇÃO NÃO FALTAM NA ACADEMIA DA ESTRELA
© MÁRCIA LESSA

Os 12 artistas/formadores multidisciplinares da equipa artística da CiM integraram, durante mais de um ano, o programa curricular das 17 turmas envolvidas. O desafio lançado foi o de fazer acordar o super-herói em cada um, partindo da crença de que todos temos um superpoder escondido, em contraponto com o que nos faz vulneráveis. Identificadas as fragilidades pelas crianças, surgiram quatro personagens, a partir das quais se desenvolveram quatro histórias que atravessam a narrativa do espetáculo. Uma é a da Joana, uma bailarina cega que desenvolveu o superpoder de ouvir com a pele, transformando a sua fragilidade em movimento.

Foi esta inspiração do imaginário da criança e da força nele contido e a vontade de tentar outro tipo de abordagem com os mais pequenos com necessidades educativas especiais, a quem tantas vezes é negado o acesso à "normalidade", que deram forma ao projeto. Para Ana Rita Barata, é fundamental a inclusão de crianças com necessidades especiais.

"A minha filha andava na escola básica e um dia disse-me que não podia ir para o recreio porque estavam lá os meninos com deficiência. Tinham medo que se magoassem, que levassem com uma bola na cara..." Mas pode uma criança viver feliz sem correr riscos? "Uma criança tem de se mexer, tem de viver. É preciso aprender a levar com uma bola na cara!"

Ana Rita considera o nosso sistema de ensino “pesado e complexo”, já que a relação professor-aluno é muito estéril e limitada e, por isso, o professor “tem de ser mesmo muito criativo para conseguir transmitir algo de novo e captar a atenção dos alunos”, cumprindo ao mesmo tempo o programa escolar. Projetos como o Geração SOMA são um complemento à missão do professor, uma maneira de “tirar as crianças da cadeira”, trabalhar a fisicalidade, a consciência do corpo e o movimento, ao mesmo tempo que se aprende a estar em sala de aula e a trabalhar a atenção, o silêncio e o pensamento crítico e criativo.

O processo de implementação do projeto nas escolas foi “longo e difícil” e recebido com alguma insegurança por parte dos pais e educadores, com “reuniões atrás de reuniões”. No entanto, uma vez iniciado o desafio, o *feedback* tem sido positivo.

Os pais rapidamente notaram as transformações nos filhos, garante Ana Rita. Basta ver, por exemplo, o caso da Ana Beatriz, uma criança com Trissomia 21 que, quando o programa começou, não se relacionava com ninguém na escola, “estava sempre num canto, calada, sozinha”. Quem a vê agora nos ensaios não a reconhece: solta-se, fala, brinca, está feliz. É o que Ana Rita chama *side effects* deste programa, “que são incalculáveis”. Longe do ambiente da escola, do gozo dos colegas, os ensaios tornam-se “um espaço sem filtros”, onde a experiência do coletivo é vivida com a entreatajuda, a “inclusividade”, a dança e a música. Para a criança, é “como se encontrasse um lugar no mundo”.



EU MAIOR NO TEATRO SÃO LUIZ, JUNHO 2017 © JOÃO PEDRO RODRIGUES



EU MAIOR NO TEATRO SÃO LUIZ, JUNHO 2017 © JOÃO PEDRO RODRIGUES



EU MAIOR NO TEATRO SÃO LUIZ, JUNHO 2017 © A. ROQUE

Geração Soma: o espetáculo e o futuro

Das 65 crianças que se voluntariaram para participar neste espetáculo, nove pertencem à Orquestra Trifonética, composta por alunos do ensino articulado de música. A música do espetáculo, da autoria de Philippe Lenzini, foi criada em conjugação com as sugestões dos jovens músicos e a montagem das coreografias.

O que vai ser apresentado a 20 de fevereiro é uma versão melhorada do *EU MAIOR*, com mais foco na história e na comunicação da narrativa.

O espetáculo é uma forma de mostrar este projeto inclusivo e social, que trabalha com crianças entre os cinco e os dezasseis anos, de escolas do Ensino Básico e Secundário de Lisboa, algumas das quais com NEE (Necessidades Educativas Especiais) e os respetivos educadores (professores e pais), através da criação e prática artística.

Desenvolvido pela Vo'Arte (uma Associação que procura promover o diálogo criativo entre várias esferas artísticas com o intuito de reforçar as relações com diferentes comunidades e culturas), e em parceria com a CiM (que há dez anos une intérpretes com e sem deficiência), o projeto iniciado em 2015 tem agora a oportunidade de partilhar o seu trabalho na Fundação Gulbenkian, a "casa-mãe do projeto".

Esta apresentação marca a última etapa do projeto cujo futuro, por agora, é indefinido. A vontade de continuar existe e ideias para um "Isto é PARTIS 3" não faltam. Nos planos de Ana Rita Barata está "um projeto-piloto que permita adotar uma abordagem multidisciplinar para as crianças nas escolas", conjugando atividades diferentes dentro e fora da escola, da dança ao contato direto com a natureza, por exemplo. Para já, a luta para a mudança de paradigmas está iniciada e o convite para vir conhecer o resultado está feito.

Noite das Ideias

25 de janeiro 19h – 24h
Fotos de Márcia Lessa



SOFIA DIAS E VÍTOR RORIZ



DANIEL TÉRCIO, JONAS RUAS E MARTA FERNANDES



MAGALIE LANRIOT E MATHILDE GUILHET



EDUARDO LOURENÇO



DO OUTRO LADO DO ESPELHO

RUI VIEIRA NERY



RICARDO ARAÚJO PEREIRA



ANTÓNIO JORGE GONÇALVES E FILIPE RAPOSO



Primeiro monumento nacional com painéis solares

O Edifício Sede da Fundação Calouste Gulbenkian, Prémio Valmor de 1975 e classificado como monumento nacional em novembro de 2010, já tem em pleno funcionamento um conjunto de painéis solares térmicos cuja instalação ficou concluída em 2017, depois de um processo que exigiu a aprovação da Direção-Geral do Património Cultural e levou vários anos em discussão.

O “segredo” que levou à aprovação da solução encontrada prende-se com a utilização de coletores solares tubulares, que não colocam em causa as qualidades arquitetónicas do edifício classificado como monumento nacional. “Este sistema não exige uma inclinação dos painéis superior à da cobertura. Isso inviabilizaria o projeto”, revela António Repolho Correia, diretor dos Serviços Centrais da Fundação. O mesmo responsável esclarece que a colocação dos novos painéis solares térmicos, para aquecimento de águas, só foi autorizada na parte mais elevada da cobertura do edifício, ficando assim excluída a zona da cobertura que corresponde ao Grande Auditório e ao Museu Calouste Gulbenkian – Coleção do Fundador, visível dos edifícios limítrofes. “Os coletores deste sistema usam a tecnologia dos tubos de vácuo, tendo sido instalados na cobertura, maximizando a sua integração arquitetónica”, detalha ainda o Laboratório Nacional de Engenharia e Geologia, que acompanhou o projeto.

A introdução deste sistema solar térmico é uma aposta interna da Fundação Gulbenkian nas energias renováveis e enquadra-se no programa de eficiência energética (ou racionalização de consumos de energia) que tem vindo a ser aplicado desde 2007. Servirá para o aquecimento de águas nas instalações do edifício inaugurado em 1969, com vista à redução do consumo de energia fóssil. Dezenas de pessoas, sobretudo pessoal ligado à manutenção técnica do edifício, utilizam diariamente os balneários existentes na Fundação. Também as cozinhas que funcionam neste espaço acrescem às necessidades de aquecimento de águas. Prevê-se que o novo sistema forneça 77MWh de energia por ano, capaz de suprir cerca de 60 por cento das necessidades da Fundação, reduzindo drasticamente o consumo de energia elétrica que exige o funcionamento permanente de uma caldeira.



© MÀRCIA LESSA

Novas tecnologias de iluminação

Mas a aposta nas energias renováveis não se limita ao aquecimento de águas. Nos últimos anos, a substituição do sistema de iluminação por LED permitiu reduzir para 1/5 o consumo energético. Para esta melhoria, também contribuíram outros fatores, dos quais se destacam a introdução de deteção automática para a iluminação em "espaços mortos", como armazéns, e a renovação do Grande Auditório, que reabriu em fevereiro de 2014 depois de oito meses de obras e incluiu a remodelação de todo o sistema de iluminação da sala, dentro dos melhores parâmetros de eficiência energética.

Para este ano, está planeada uma grande intervenção para substituir a iluminação na garagem e renovar o sistema elétrico em toda a zona de trabalho e de reservas do Museu Calouste Gulbenkian. Já em estudo está também a substituição da iluminação no espaço museológico da Fundação, resultado de novas tecnologias que estão a ser desenvolvidas especificamente para museus. Será mais um projeto invisível aos olhos do público que visita a Fundação Gulbenkian todos os dias, mas com expressão para um futuro que se quer mais sustentável.

101 Dúvidas de português esclarecidas na Guiné Bissau

Regras gerais para bem escrever e Dicionário de Dificuldades são dois pequenos livros agora à disposição dos professores da Guiné-Bissau para melhorar o uso da língua portuguesa neste país.



A acentuação, o uso de sinais de pontuação, um pequeno guia sobre o novo acordo ortográfico são alguns dos temas de *Regras gerais para bem escrever*. O segundo livro apresenta 101 respostas a dúvidas que a língua portuguesa muitas vezes coloca: “concerteza ou com certeza?”, “perda ou perca?”. A primeira edição destes materiais, produzidos no âmbito do projeto Receb (Revisão curricular do ensino básico na Guiné-Bissau), teve uma tiragem de 400 exemplares que serão distribuídos por professores e formadores na Guiné. O Receb teve início em janeiro de 2016 e destina-se aos primeiros quatro anos de escolaridade. Para além da produção de manuais e guias do 1.º ao 4.º ano, o

Receb tem em curso uma campanha de promoção do projeto nas rádios comunitárias guineenses, o principal motor de divulgação e informação no país. Neste momento, está em preparação a proposta para a 2.ª fase do projeto, que se destina à produção de 16 manuais para alunos e 16 guias para professores para os 5.º e 6.º anos. O Receb é uma parceria entre o Ministério da Educação, Ensino Superior e Investigação Científica da Guiné-Bissau e a Fundação Calouste Gulbenkian, com a assistência técnica da Universidade do Minho e cofinanciamento do Programa Education for all, gerido pela Unicef.

Democracia europeia em debate

A democracia, na Europa, está em perigo? Como pode a União Europeia reagir eficazmente perante os riscos que ameaçam os seus Estados de direito? No dia 5 de março, todas estas questões estarão em cima da mesa numa conferência na Fundação Gulbenkian.

Pela primeira vez na sua história, a Comissão Europeia acionou o Artigo 7.º do Tratado de Lisboa, segundo o qual o Conselho Europeu pode verificar a existência de risco manifesto de violação grave de valores europeus – o respeito pela dignidade humana, a liberdade, a democracia, a igualdade, o Estado de direito e o respeito pelos direitos do Homem – e, em última instância, aplicar sanções ao Estado-membro infrator. A Polónia, onde uma reforma legislativa deixou de garantir a separação de poderes e a independência do poder judicial, pode ter feito soar os alarmes (e feito acionar o art. 7º), mas não é o único a gerar preocupação – veja-se o caso da Hungria de Viktor Orbán ou a recente crise constitucional na Catalunha. E com eles se chega a um problema mais amplo: o do crescimento, sustentado, dos movimentos nacionalistas na Europa. A União Europeia tem criado, ao longo da sua história, mecanismos para garantir a integridade dos valores democráticos e do Estado de direito – e o artigo 7.º, acionado recentemente, não deixa de ser um deles. No entanto, a sua aplicação é



© CHRISTOF ECHARD

complexa e morosa, por vezes pouco consequente, expondo a fragilidade e a impotência das altas instâncias europeias. Neste contexto, a questão que se coloca é: como pode a UE continuar a ser um guardião dos valores democráticos que estiveram na base da sua criação? Conseguirá reagir eficazmente quando estes estão ameaçados? Os instrumentos ao seu dispor são suficientes

ou é necessário repensá-los? Frans Timmermans, vice-presidente da Comissão Europeia, ou Enrico Letta, presidente do Instituto Jacques Delors, estarão em Lisboa a discutir todas estas questões na conferência *Fortalecer a democracia na Europa*, que será encerrada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva.

Amor em tempo de festa

Uma equipa de investigação, liderada por Joana Gonçalves-Sá e Luís Rocha, do Instituto Gulbenkian de Ciência, revelou que fatores culturais, e não biológicos, estão por trás dos ciclos de reprodução humana.

Ao longo de uma década, a equipa liderada por Joana Gonçalves-Sá e Luís Rocha procurou seguir os estados de espírito e os comportamentos *online* (usando dados globais de Twitter e Google Trends) de pessoas de diferentes países e hemisférios, com diferentes tradições culturais, cristãs e muçulmanas e concluiu que existe um estado de espírito específico associado a celebrações religiosas e que este “estado amoroso” pode influenciar a reprodução humana.

No estudo, publicado na revista *Scientific Reports*, os investigadores descobriram que pesquisas *online* relacionadas com sexo seguiam um padrão cíclico que se correlacionava com um estado de espírito específico, tendencialmente “amoroso”, detetado independentemente no Twitter. Viram ainda que estes padrões são mais semelhantes entre países que partilham a mesma tradição cultural do que a mesma localização geográfica.

Luís Rocha, investigador do IGC e da Indiana University, explica que, a nível mundial, existem picos de interesse sexual que coincidem com certas celebrações religiosas, levando a um aumento nas taxas de nascimento nove meses depois. Uma vez que estas celebrações acontecem na mesma data, tanto no hemisfério norte como no sul, são “as tradições culturais e não a geografia as responsáveis por estes estados de espírito”, pensa o investigador. Nos países cristãos, esta “disposição para amar” é maior por volta do Natal, tal como as pesquisas *online* relacionadas com sexo, enquanto nos países muçulmanos um comportamento

semelhante surge durante as festividades religiosas do Eid-al-Fitr e Eid-al-Adha, feriados religiosos orientados para a família, que “geram nas pessoas um estado de espírito mais feliz e calmo, o que provavelmente resulta num maior interesse por sexo”, esclarece Joana Gonçalves-Sá.

Este estudo foi desenvolvido no Instituto Gulbenkian de Ciência (Portugal) e na Indiana University (EUA), com a colaboração da Universidade de Wageningen (Holanda). O trabalho foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal), pelas Ações Marie Curie (União Europeia) e pelo National Institutes of Health (EUA).



EID-AL-FITR © BBC

A misteriosa origem dos elefantes do Bornéu

O elefante de Bornéu é uma subespécie de elefantes asiáticos que se encontra apenas numa pequena região do Bornéu e é bastante diferente dos elefantes do restante continente. A sua presença nesta ilha tem sido um mistério, mas um estudo publicado na revista *Scientific Reports* avança com uma nova hipótese sobre a sua origem. Uma equipa de investigação, liderada por Lounès Chikhi, do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) e do CNRS – Université Paul Sabatier (França), e por Benoit Goossens, da Cardiff University (País de Gales) e do Sabah Wildlife Department (Malásia), descobriu que os elefantes podem lá ter chegado numa altura em que existia uma ponte de terra entre as Ilhas de Sonda, no Sudeste da Ásia.

Até há pouco tempo, pensava-se que os elefantes poderiam ter sido introduzidos por humanos nos últimos 300 anos ou ter divergido dos elefantes da Ásia, muitos anos antes. Registos históricos reportam que governantes vizinhos ofereceram elefantes ao sultão do Bornéu no século XVII, sugerindo que os elefantes atuais possam ser seus descendentes. Mas há cerca de 15 anos, um estudo genético mostrou que o ADN de elefantes do Bornéu é muito diferente do de elefantes da Ásia, sugerindo uma separação há cerca de 300 mil anos. Não foram, no entanto, encontra-

dos no Bornéu fósseis de elefantes que permitissem testar esta teoria.

Para esclarecer o mistério, a equipa de Chikhi e Goossens usou análise de dados genéticos e modelação computacional para estudar a história demográfica antiga destes animais. Os resultados sugerem que o mais provável é ter ocorrido a colonização natural do Bornéu, há cerca de 11 400 a 18 300 anos. Este período corresponde a uma altura em que os níveis do mar estavam muito baixos e os elefantes podiam migrar


entre as ilhas de Sonda, arquipélago ao qual pertence o Bornéu. A investigadora do IGC e primeira coautora deste artigo, Reeta Sharma, diz que não podemos excluir cenários mais complexos, mas “uma introdução histórica humana parece ser improvável, tal como uma chegada muito antiga”. Atualmente, com menos de dois mil indivíduos que sobrevivem num ambiente cada vez mais fragmentado e com notícias regulares de envenenamento ou morte de elefantes do Bornéu, o futuro está ameaçado para esta espécie.



© RUDI DELBAUX

Ambientes

por Márcia Lessa



Erik Satie para todos na Pianomania Gulbenkian. A pianista Joana Gama, em versão non-stop e durante 14 horas, interpretou a obra "Vexations" do compositor francês.



GULBENKIAN.PT

Av. de Berna, 45A, 1067-001 Lisboa